

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIA DA SAÚDE - ESA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - OFERTA REGULAR

MATEUS HENRIQUE DE SOUZA PINTO

**PROJETOS DE CONTRATURNO DE FUTSAL EM ESCOLAS DE MANAUS:
PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO**

MANAUS - AM

2025

MATEUS HENRIQUE DE SOUZA PINTO

**PROJETOS DE CONTRATURNO DE FUTSAL EM ESCOLAS DE MANAUS:
PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canan

MANAUS - AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

P659p	<p>Pinto, Mateus Henrique de Souza Projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus: Perfil organizacional e pedagógico / Mateus Henrique de Souza Pinto. Manaus : [s.n], 2025. 29 f.: color.; 21.0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025. Orientador: Felipe Canan.</p> <p>1. Futsal. 2. Contraturno. 3. Pedagogia do esporte. 4. Organizacional. 5. Pedagógico. I. Felipe Canan (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título</p> <p style="text-align: right;">CDU(1997)796</p>
-------	---

MATEUS HENRIQUE DE SOUZA PINTO

**PROJETOS DE CONTRATURNO DE FUTSAL EM ESCOLAS DE MANAUS:
PERFIL ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Orientador: Felipe Canan

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Prof. avaliador: Leandro Amaral Fialho

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



Prof. avaliador: Yan Carlos Souza da Silva

Universidade do Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO

Introdução: O futsal destaca-se como importante modalidade dentro do universo esportivo, presente em diversos contextos, como os projetos de contraturno escolar. Nesse fenômeno crescente podemos analisar suas nuances em perfis pedagógicos e organizacionais. **Objetivo:** analisar o perfil organizacional e pedagógico de projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus. **Metodologia** A pesquisa é qualitativa, descritiva e de campo. Os sujeitos foram 8 treinadores de projetos de contraturno de futsal em Manaus que atuaram nos Jogos Escolares do Amazonas (JEAs) em 2024. O instrumento foi a entrevista semiestruturada e a análise debruçou-se sobre os eixos sociodemográfico, organizacional e pedagógico. **Resultados:** Foram encontrados 12 projetos dos quais 8 foram entrevistados. Em relação ao perfil sociodemográfico, 2 treinadores são do sexo feminino e 6 masculino, a média de idade é de 40 anos e de tempo de experiência de 8 anos. Relacionado ao aspecto organizacional, 4 projetos são de escolas privadas e 4 públicas. Os projetos são, majoritariamente, motivados pela participação em competições, difusão do futsal e a iniciativa para sua realização é institucional. Os projetos de escolas públicas são capitaneados pela Secretaria da Educação e dentre as privadas, 2 são custeadas pelos alunos e 2 pela própria escola. Apenas 2 treinadores atuam apenas no projeto e não são docentes da escola. Quanto ao perfil pedagógico, há predominância de conteúdos de ordem técnica e metodologia tecnicista. Conteúdos de caráter socioeducativo, quando abordados, visam a formação cidadã. Os desafios apontados são a baixa competência esportiva dos alunos e desafios materiais e estruturais nas escolas públicas. **Considerações finais:** O estudo identificou, assim, que o perfil dos projetos é institucional, com apoio da escola e órgãos administrativos. Apesar de uma faixa etária e tempo de experiência medianos, o predomínio do método tecnicista, que pouco considera a lógica interna do futsal e a formação humana do aluno em geral, entende-se como um ponto a se aprimorar, em conjunto às condições estruturais e materiais dos projetos.

Palavras-chave: Futsal; Contraturno; Pedagogia do Esporte;

ABSTRACT

Introduction: Futsal stands out as an important sport within the sporting universe, present in various contexts, such as after-school programs. Within this growing phenomenon, we can analyze its nuances in pedagogical and organizational profiles. **Objective:** To analyze the organizational and pedagogical profile of after-school futsal programs in schools in Manaus. **Methodology:** This is a qualitative, descriptive, and field-based study. The subjects were 8 coaches from after-school futsal programs in Manaus who participated in the Amazonas School Games (JEAs) in 2024. The instrument used was a semi-structured interview, and the analysis focused on sociodemographic, organizational, and pedagogical aspects. **Results:** Twelve projects were found, of which 8 were interviewed. Regarding the sociodemographic profile, 2 coaches are female and 6 are male, the average age is 40 years, and the average experience is 8 years. Regarding the organizational aspect, 4 projects are from private schools and 4 from public schools. The projects are mostly motivated by participation in competitions and the promotion of futsal, and the initiative for their implementation is institutional. Public school projects are led by the Department of Education, while among private schools, two are funded by students and two by the school itself. Only two coaches work exclusively on the project and are not teachers at the school. Regarding the pedagogical profile, there is a predominance of technical content and a technocratic methodology. Socio-educational content, when addressed, aims at civic education. The challenges identified are the low sporting competence of the students and material and structural challenges in public schools. **Final considerations:** The study identified that the profile of the projects is institutional, with support from the school and administrative bodies. Despite a median age range and experience level, the predominance of the technocratic method, which gives little consideration to the internal logic of futsal and the human development of the student in general, is understood as a point to be improved, along with the structural and material conditions of the projects.

Keywords: Futsal; After-school program; Sports pedagogy;

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA.....	10
2.1. Tipo de pesquisa	10
2.2. Sujeitos.....	10
2.3. Instrumentos	11
2.4. Procedimentos.....	11
2.5. Análise de dados	12
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1. Perfil sociodemográfico dos treinadores	12
3.2. Perfil organizacional dos projetos.....	14
3.3. Perfil pedagógico dos projetos.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

O futsal se manifesta no ambiente escolar tanto como conteúdo curricular da educação física, com fins educativos, quanto como uma atividade extracurricular em projetos de contraturno. Tais práticas esportivas extracurriculares, também chamados de práticas de contraturno, práticas esportivas escolares, turmas de treinamento esportivo, escolinhas esportivas, entre outros, como advertem Luguetti e Böhme (2011a), Luguetti e Böhme (2011b), Knijnik, Massa, Luguetti e Böhme (2023), Basei, Bendrath e Menegaldo (2017), Bendrath e Basei (2019), Bendrath, Ferreira e Basei (2020) e Bendrath e Basei (2022) vêm se mostrando um fenômeno crescente, mas, ao mesmo tempo, problemático.

Se, por um lado, os projetos de contraturno podem contribuir para a educação, cultura, saúde e lazer dos escolares, além da representação das escolas em competições e criação de condições de formação de futuros atletas de alto rendimento, por outro lado, como advertem Bendrath e Basei (2019), não é incomum que enfrentem problemas de ordem estrutural e pedagógica. Os autores citam, por exemplo, falta de infraestrutura e orçamento das escolas, ausência de políticas públicas concretas e duradouras de oferta de projetos de contraturno, condições socioeconômicas dos alunos, formação inicial e continuada de professores/treinadores e concorrência com outras opções de ocupação do tempo livre, especialmente os meios tecnológicos.

Esses problemas e contradições geram, como consequência em competições escolares, uma frequente disparidade entre as equipes, decorrente, na maioria dos casos, de condições muito superiores de algumas escolas em relação a outras. Enquanto muitas ofertam projetos de contraturno, outras simplesmente montam as equipes a partir das próprias aulas de educação física escolar, sem um processo formativo mais aprimorado e preparação para a competição. Mesmo no caso de ambas as escolas ofertarem projetos de contraturno, também é comum que haja diferenças gritantes entre eles, sendo, por exemplo, uma muito bem estruturada e outra acometida por todos os problemas, estruturais, pedagógicos e organizacionais.

Se nos projetos existem problemas organizacionais, no aspecto pedagógico a situação não é diferente. Kröger e Roth (2002), Ennis (1999), Graça (2004), Fonseca e Garganta (2006), Santana (2008), Paes e Balbino (2009), Paes, Montagner e Ferreira (2009), Santana, Ribeiro e França (2016), Roth, Memmert e Schubert (2016), Roth, Kröger e Memmert (2017), Santana (2019) identificam que os processos de ensino dos jogos esportivos de bola em geral e, dentro delas, do futsal, têm encontrado dificuldades para superação de uma instaurada pedagogia

pouco adequada aos cenários, personagens e significados presentes no universo do esporte escolar e particularmente dos projetos de contraturno.

Essa falta de adequação pedagógica é exemplificada por questões como: especialização precoce, que consiste na valorização excessiva do resultado competitivo e conseqüente subjugação do aspecto formativo a partir da sobreposição de etapas de ensino; (adoção exacerbada de princípios mecanicistas de ensino, ou seja, de priorização da repetição de gestos técnicos descontextualizados do jogo em detrimento da oferta de atividade em que os jogadores possam se defrontar com imprevisibilidades e, com isso, aprender a se adaptar à situação e tomar decisões adequadas); repetição de conteúdos ao longo das etapas de ensino, resultante da falta de uma organização planejada a respeito do que deve ser ensinado a cada ano e a cada momento; pouca ou nenhuma concessão de autonomia e liberdade aos jogadores para tomarem suas próprias decisões dentro e fora do jogo; entre outros.

A existência desses problemas, contudo, não significa que não existam soluções, ao menos sugeridas no âmbito acadêmico (o que denota um outro problema, que é a falta de diálogo entre o campo acadêmico e o campo da prática, do “chão da quadra”). Essas soluções sugeridas perpassam pelo planejamento e organização do processo de ensino, pela adoção de metodologias de ensino mais adequadas a cada modalidade, cenário e personagem e pelo conhecimento e competência para seleção, variação, adaptação e ajustamento das atividades de ensino.

Em termos de planejamento e organização, Greco e Silva (2008) apresentam um processo de estruturação baseado em três estruturas pedagógicas: substantiva, temporal e metodológica. A estrutura substantiva refere-se ao “o que” ensinar, aos conteúdos de ensino. A estrutura temporal relaciona-se ao “quando” ensinar, às etapas de ensino dentro de um processo de longo prazo, respeitando conteúdos e metodologias próprias para cada faixa etária. A estrutura metodológica diz respeito ao “como” ensinar, ou seja, às metodologias e atividades de ensino. Todas elas devem ser pensadas em conjunto e de maneira adaptada aos cenários, personagens, significados e modalidades em pauta a cada momento.

Quanto aos conteúdos, Santana (2008) e Paes, Montagner e Ferreira (2009) recomendam que sejam trabalhados os de ordem propriamente esportiva e os de caráter socioeducativo. Galatti *et al.* (2017) complementam afirmando a importância também de conteúdos histórico-culturais.

Os conteúdos esportivos abrangem as competências táticas, técnicas e estratégicas necessárias ao jogo. No âmbito individual, abrangem o domínio de bola, condução, finta, drible, chute, cabeceio, penetração, marcação, desmarcação, entrada na bola, ações do goleiro e jogo

de 1x1 em geral). Quanto às ações em grupo, são conteúdos o passe, tabela, flutuação, cobertura, sobra, jogo de 2x2, 3x3 e superioridade numérica em geral). No quesito coletivas, são trabalhadas as posições de jogo, organizações defensivas e ofensivas, contra-ataque e defesa de contra-ataque (Souza, 1999; Rezer; Saad, 2005; Santana, 2008; Barbieri, 2009; Barros; Cortez, 2011; Balzano, 2012; Voser, 2014; Santana; Ribeiro; França, 2016; Santana, 2019).

Os conteúdos socioeducativos prezam pela formação humana, envolvendo valores, princípios e modos de comportamento. Preocupando-se com essa formação de um ser humano completo e não somente com a formação de atletas, Freire (2011) sugere para o futebol e Santana (2008) adapta para o futsal, os seguintes princípios pedagógicos: ensinar bem o futsal; ensinar futsal a todos; ensinar a gostar de futsal; ensinar mais que futsal. Os conteúdos histórico-culturais, por sua vez, referem-se aos conhecimentos sobre o jogo, tais como sua história, difusão no Brasil e no mundo, cenário institucional e competitivo local etc. No caso do futsal, é particularmente importante que o jogador tenha conhecimento sobre as relações com o futebol, a fim de conseguir vislumbrar e projetar uma transição para ele no futuro ou não.

No que diz respeito à estrutura temporal, ou seja, às fase de ensino dentro de um processo de formação em longo prazo, é possível sintetizar as seguintes etapas estabelecidas pela literatura às modalidades esportivas em geral (Balyi, 2003; Greco; Silva, 2008; Böhme; Ré, 2009) e ao futsal especificamente (Santana, 2008; Barbieri, 2009; Balzano, 2012): fase de iniciação, que, em gerais, visa o desenvolvimento de um repertório motor e situacional generalizado por parte do jogador, durando aproximadamente entre os 6 e 10 anos de idade; fase de transição, em que acontece o início de um processo de ensino mais formal e específico, abrangendo dos 10 aos 14 anos de idade; fase de especialização, na qual, como o próprio nome já diz, acontece um processo de ensino mais especializado, mais específico e mais direcionado à competição, indo dos 14 aos 17 anos de idade; e fase de rendimento, caracterizada por um processo de aprimoramento contínuo, tendo como objetivo principal o resultado competitivo, acontecendo dos 17 anos de idade em diante.

A terceira estrutura é a metodológica, ou seja, aquela que diz respeito ao “como” ensinar. Duas perspectivas são mais presentes em relação ao ensino dos jogos esportivos de bola e particularmente do futsal: uma que se pauta pelo princípio global-funcional, que considera a lógica de imprevisibilidade, e uma embasada pelo princípio analítico-sintético, caracterizado pelo aspecto mecanicista ou tecnicista (Souza, 1999; Rezer; Saad, 2005; Santana, 2008; Paes; Montagner; Ferreira, 2009; Freire, 2011; Balzano, 2012; Greco; Conti; Morales, 2013; Balzano, 2014; Santana; Ribeiro; França, 2016; Santana, 2019; Canan, 2020).

Diante da conjuntura, questiona-se: como tem acontecido o processo organizacional e pedagógico no ensino do futsal em projetos de contraturno das escolas em Manaus? Para esclarecer essa questão, adotou-se como objetivo analisar o perfil organizacional e pedagógico de projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem, descritiva quanto aos objetivos e de campo quanto aos procedimentos. Pesquisas de abordagem qualitativa, para (Gil 2008), não descartam quantificações de dados, mas as utilizam apenas como complemento ao seu foco principal, que é a busca por uma compreensão de grupos sociais, organizações ou fenômenos.

Estudos de caráter descritivo dedicam-se a detalhar as particularidades de uma população ou fenômeno específico, podendo, em alguns casos, estabelecer relações entre variáveis. No âmbito das investigações sociais, a pesquisa de campo volta-se para a obtenção de dados diretamente com os atores sociais. Nesse cenário, a entrevista é um instrumento fundamental para a coleta de informações.

2.2. Sujeitos

Os participantes são treinadores de projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus, da rede pública e privada. Para seleção da amostra foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a escola deve ter participado da última edição dos Jogos Escolares do Amazonas (JEAs) no futsal; a escola deve ofertar projeto de contraturno de futsal; o treinador deve ser responsável pelo processo de formação da equipe participante dos JEAs de 2024 na modalidade de futsal nas categorias infantil (12 a 14 anos de idade) e/ou juvenil (15 a 17 anos de idade), em ambos os naipes.

Em contrapartida, os sujeitos que não compuseram a mostra enquadraram-se em um dos critérios de exclusão: ser participante do mesmo projeto de contraturno de outro participante da pesquisa; já haver 8 sujeitos anteriormente selecionados. Com base nesses critérios, somente um treinador por projeto de contraturno foi selecionado (havendo preferência por aquele que for responsável por mais equipes participantes dos JEAs), com o limite de 8 projetos.

Para filtragem da amostra, foi realizado um levantamento no site oficial do JEAs (Amazonas, 2024) e no mesmo foi feita buscas de boletins informativos de equipes inscritas. Foram identificadas 37 escolas participantes dos jogos. Dessas, 12 foram contatadas a partir dos critérios de conveniência e acessibilidade, no entanto 4 projetos por enquadrar-se no critério de exclusão, assim sendo selecionadas 8 que atendiam aos critérios de inclusão.

2.3. Instrumentos

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista por pautas ou semiestruturada, que apresenta um roteiro estruturado e passível de complementações por parte do entrevistador junto a cada entrevistado. Esses complementos visam aprofundamentos em questões parcialmente respondidas ou exploração de tópicos importantes surgidos das próprias respostas. Conforme Gil (2008), a entrevista é um instrumento adequado a pesquisas sociais, gerando informações sobre o que os participantes pensam, sentem, fazem e desejam. No caso específico do presente estudo, a entrevista permitiu conhecer alguns personagens e os significados que atribuem ao cenário dos projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus.

O roteiro foi construído a partir de três pilares centrais: características sociodemográficas dos sujeitos (idade, gênero, anos de formação e anos de experiência em relação ao futsal); organização institucional do projeto de contraturno (razões para oferta do futsal, natureza institucional, fonte de financiamento, local, frequência semanal, forma de traslado dos jogadores, incentivo financeiro ou material aos jogadores, outras competições de que participam); estruturação pedagógica (estruturas substantiva: conteúdo a serem ensinados; temporal: aprimoramento do ensino ao longo prazo; metodológica: abordagens de ensino).

2.4. Procedimentos

Submeteu-se ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (CEP-UEA) o projeto guarda-chuva, denominado “Perfil dos projetos de contraturno relativos a jogos esportivos de bola em escolas de Manaus”, que enquadrava também o presente Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto foi aprovado sob Parecer nº 6.623.954.

Posteriormente à aprovação do CEP-UEA, foi realizado contato telefônico com as escolas para detectar se atendiam aos critérios de inclusão. Determinadas as escolas, os professores responsáveis pelas equipes de futsal foram procurados por telefone e foi esclarecido para cada profissional o cerne geral da pesquisa, sendo cada entrevista agendada individualmente. As entrevistas foram marcadas e realizadas nas próprias instituições de ensino, em um local adequado, distante de interferências externas, utilizando gravador para registrar as informações.

Primeiramente, foi apresentado ao professor o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, confirmando o aceite em participar da pesquisa, ficando uma via com o pesquisador e uma via com o participante. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, depois foram transcritas e conferidas pelos autores.

2.5. Análise de dados

Os dados foram analisados conforme as orientações metodológicas de Gil (2008), a partir de categorias. De início, os próprios eixos temáticos e questões do roteiro de entrevista serviram como uma pré-categorização. Posteriormente, seguiu-se à fase de interpretação, para a qual Gil (2008) indica a necessidade de o pesquisador não ficar restrito à leitura dos dados, mas sim os interpretar a partir de fundamentos teóricos e resultados de outras pesquisas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil sociodemográfico dos treinadores

O quadro 1 apresenta o perfil sociodemográfico dos treinadores participantes da pesquisa. Dentre os projetos investigados, 4 são de escolas públicas (S2, S3, S7 e S8) e 4 de escolas particulares (S1, S4, S5 e S6).

Quadro 1 - Perfil sociodemográfico dos treinadores

Treinadores	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8
Idade	64	43	55	42	32	25	32	30
Gênero	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Ano de formação em EF	1997	2012	2013	2012	2015	2023	2016	2015
Pós-graduação ou curso específico de futsal	Curso do Ferretti	Curso do Ferretti	Escola de São Paulo	CBFS 2020 e 2021	Curso do Sorato de futsal	Curso da CBFS, Curso tático para treinadores	Não mencionou	Não mencionou
Tempo de experiência	28 anos	12 anos	2 anos	4 anos	12 anos	6 anos	3 anos	4 anos

Fonte: os autores (2025).

Pelo quadro, verifica-se que 4 dos treinadores (S3, S4, S7 e S8) têm 4 ou menos anos de experiência. Segundo Flores *et al.* (2010) e Farias *et al.* (2018), com base na classificação de Hüberman (1992), a quantidade mínima de anos para que um treinador adquirir certa estabilização profissional é de 4 a 6 anos, enquanto menos tempo de experiência do que isso significa uma fase de entrada na carreira. Dentre os citados, percebe-se que 2 ainda estão em fase de entrada na carreira e 2 estão iniciando a fase de estabilização.

Em relação à faixa etária dos treinadores, verifica-se que metade tem menos de 35 anos, o que corrobora um perfil de início de carreira. A outra metade, contudo, independentemente da idade, apresenta-se experiente, com 12 ou mais anos de carreira, correspondendo às fases de diversificação (7 a 15 anos de carreira) ou desinvestimento (25 anos de carreira em diante, para homens). De qualquer forma, sendo o tempo médio de experiência de 8,8 anos, é possível se considerar que o perfil investigado é de treinadores experientes, estando em fase de diversificação (Hüberman, 1992; Flores *et al.*, 2010; Farias *et al.*, 2018).

Quanto à formação, além da graduação em Educação Física, 6 treinadores relatam terem participado de ao menos um curso específico de ensino e/ou treinamento de futsal. De acordo com Farias, Shigunov e Nascimento (2001) a formação do professor não deve acabar após a conclusão do curso de graduação, de forma que ele, para manter-se qualificado e atualizado, necessita de participações em programas de formação continuada.

3.2. Perfil organizacional dos projetos

Em relação ao perfil organizacional, ou seja, às formas como o projeto é institucionalmente organizado, inicialmente o Quadro 2 sinaliza quais seriam as razões apresentadas pelos treinadores para execução dos projetos de contraturno nas escolas.

Quadro 2 - Razões para ofertar o projeto de contraturno na instituição

Treinadores	Razões para ofertar o projeto de contraturno
S1	Porque trabalhou a vida toda com o futsal e a participação de competições oficiais.
S2	Divulgação da modalidade, prática esportiva dos alunos, diminuição da evasão escolar.
S3	A escola participa de um campeonato nacional da mesma rede militar, e compete com outras instituições da mesma rede.
S4	Trabalhar as habilidades motoras dos alunos, ofertar a vivência do futsal e treinar equipes para competições.
S5	Aumentar a visibilidade da escola e treinamento para competições.
S6	Divulgar o futsal para aumentar o número de praticantes.
S7	Possui afinidade com a modalidade, ser o esporte mais praticado na escola e treinamento para as competições.
S8	Possui afinidade com o futsal e incentiva a disciplina através do esporte.

Fonte: os autores (2025).

Verifica-se certas semelhanças nas razões para ofertar os projetos, principalmente participação das equipes em competições (S1, S3, S4, S5, S7), difusão do futsal (S2, S4, S6, S7) e afetividade do treinador em relação ao futsal (S1, S7, S8). As razões voltadas para as competições, principalmente o JEAs, indicam que os treinadores conduzem os treinamentos com preocupação menor com a formação esportiva em longo prazo dos praticantes. É certo que o esporte é um fenômeno, social, político e econômico indissociável da competição, tornando seu ensino associado diretamente com a competição (Hirama e Montagner 2009). Se bem trabalhada, ele pode contribuir para o desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo dos praticantes, de forma intensa e representativa, servindo assim como uma ferramenta pedagógica.

Contudo, quando, em fases formativas, ela se torna o fim principal, sobrepondo-se à preocupação com a formação, pode tornar o processo pernicioso, pois acaba sendo excludente e voltado à especialização precoce. Deixa-se de se preocupar com a formação geral (esportiva e pessoal) do praticante, dificultando sua continuidade no processo esportivo em etapas futuras do processo formativo (Kröger; Roth, 2002; Ennis, 1999; Graça, 2004; Fonseca; Garganta, 2006; Santana, 2008; Paes; Balbino, 2009; Paes; Montagner; Ferreira, 2009; Santana; Ribeiro; França, 2016; Roth; Memmert; Schubert, 2016; Roth; Kröger; Memmert, 2017; Santana, 2019).

Segundo Lettnin (2005), o panorama esportivo extracurricular pode ser compreendido como um espaço voltado para o desenvolvimento de equipes que representam a instituição, funcionando também como um instrumento de marketing para promover a escola e atrair novos estudantes. Nesse sentido, S5 argumenta sobre a visibilidade que os resultados esportivos podem trazer para a instituição, mas também cita como formação do estudante-atleta que contribui para bons desempenhos também na unidade escolar.

O perfil institucional dos projetos de contraturno é apresentado no Quadro 3, retratando que apenas um deles é iniciativa exclusiva do treinador, enquanto os demais apresentam maior formalidade.

Quadro 3 – Perfil institucional dos projetos de contraturno

Sujeito	Tipos de escola	Iniciativa institucional	Treinador da escola ou apenas do projeto	Financiamento do projeto
S1	Privada	Sim	Escola	Escola
S2	Estadual	Sim	Escola	SEDUC
S3	Militar	Sim	Escola	Escola
S4	Privada	Sim	Escola	Alunos
S5	Privada	Sim	Apenas do projeto	Escola
S6	Privada	Sim	Apenas do projeto (Empresa terceirizada)	Alunos
S7	Estadual	Sim	Escola	SEDUC
S8	Estadual	Não	Escola	Próprio treinador

Fonte: os autores (2025)

Com relação ao vínculo institucional dos treinadores, apenas S6 e S5 não são professores da escola, atuando exclusivamente em relação ao projeto de contraturno. De acordo

com Lettnin (2005), o profissional contratado exclusivamente para conduzir o projeto de contraturno tende a não demonstrar afinidade com a proposta pedagógica da instituição de ensino, o que pode contribuir para que o processo formativo não seja maximizado, tendo em conta que a atuação do docente com acesso às disciplinas do currículo regular exerce maior influência e propicia um envolvimento mais efetivo dos discentes nas atividades.

Em relação ao financiamento, em duas escolas particulares, ele é feito pela própria instituição e em outras duas, pelos alunos, por meio do pagamento de mensalidades. As razões para a oferta gratuita são explicadas por S1 e S5.

[...] E nós temos aqui o nosso [Projeto de contraturno] próprio treinamento, que é uma coisa que a gente prepara os alunos para competição [...], mas ela [escola] cobra mensalidade das aulas? Nada. (S1).

[...] A direção da escola nos paga para a gente dar esse algo a mais [mais treinos] para o time de competição, que vai ser nosso representante. [...]A escola nos paga. (S5).

No caso das escolas que cobram mensalidade, há dois formatos distintos: a oferta feita pela própria escola e a oferta feita por uma empresa terceirizada. Como explica S6, neste último caso, a empresa terceirizada recebe pela quantidade de alunos matriculados e uma parte do valor fica para a escola. Na parceria, a escola oferece o espaço físico e a terceirizada, além de destinar parte do valor à escola, arca com os custos de materiais e pagamento dos treinadores, além de preparar as equipes para competições escolares.

Em todos esses contextos, como colocam Luguetti, Bastos e Böhme (2011), o esporte acaba assumindo o papel de produto de consumo, sendo utilizado como estratégia para atrair públicos com maior poder aquisitivo, reafirmando o cenário apresentado pelas autoras na cidade de Santos-SP.

No caso das escolas públicas, as 4 são da rede estadual. Contudo, 3 compõem o quadro da Secretaria da Educação do Estado (SEDUC) e uma o quadro do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) comandado pelo exército brasileiro (S3). Nas escolas que fazem parte da SEDUC, os 3 projetos de contraturno dizem respeito ao Projeto de Prática Corporal (PPC) (SEDUC, 2023). Nesse projeto estadual, o professor de educação física escolar que desejar implementar a oferta de alguma prática corporal (como o futsal, por exemplo), o faz em contraturno e tem sua carga horária curricular reduzida. Ou seja, ele substitui parte da carga horária curricular por carga horária de contraturno. O sujeito S7 explica:

Aí tu vai pegar, vai ter um edital que sai no final de ano, aí você escreve e preenche tudo e olha, eu quero esse projeto tal, eu quero fazer o projeto tal, o horário tal, e dias tais. Aí, claro, é uma adaptação de acordo com a escola. (S7).

Entretanto, apesar do ajuste de carga horária, não existe financiamento próprio para aquisição de materiais. Os treinadores, assim, tentam criar estratégias para levantar um valor monetário para dar continuidade ao projeto, conforme explicam S2, S7 e S8.

[...]Eles que me ajudam. [...]Eles que trazem bola, eu falo para eles tem que trazer porque é complicado. (S2).

Não tem financiamento. O financiamento é, faça o seu projeto. É, aí, claro, vai do professor, né? Por exemplo, eu consigo me articular para conseguir uma bola. A gente não tem colete. Os uniformes que os meninos vão para os jogos, ou é eles que pagam ou é emprestado. É sempre assim. (S7).

No caso é, a gente, a gente faz alguns torneios, algumas coisas para levantar dinheiro, algumas ações e aí a gente consegue [material]. (S8).

Esse quadro coaduna o mencionado por Lima *et al.* (2025), em que o esporte no contexto escolar do Mato Grosso também se defronta com problemas socioestruturais, tais como a falta de material e incentivo e estrutura inadequada, ou seja, limitações de possibilidades de acesso ao esporte e do prolongamento dos projetos extracurriculares.

Em relação aos participantes dos projetos, em todos os casos são exclusivamente alunos matriculados nas escolas. Os treinadores S2, S3, S7, S8, que representam as escolas públicas, fazem uma seleção dos alunos que participam dos projetos e conseqüentemente representam a escola nas competições estaduais.

Eu sempre faço uma seletiva, porque geralmente eu utilizo nos primeiros 6 meses do projeto, por exemplo, de janeiro a julho, eu utilizo para trabalhar esses alunos de forma competitiva, para competição. No caso, para seletiva. E possivelmente pro JEA's. [...] Aqueles outros que não vão participar, eu deixo para eles entrarem no projeto só depois de julho, que é quando termina os jogos. (S2)

Essa última [seletiva] que nós tivemos agora, o jogo da amizade, apareceu 78 alunos. [...] Aí só classifica 10 alunos. 10 alunos. Para ocupar o time titular e o time reserva, né? Aí trabalha como uma gordurinha, como diz, como costuma dizer aqui, pelo fato de resistência durante a atividade, porque muitos alunos acham que é só jogar bola. (S3).

Eu tenho ali, sei lá, 15 alunos. Escolhi 15 alunos daquela seletiva de cento e pouco. Aí, 15 alunos. Aí alguém pede uma segunda chance. Então, tá, bora. (S7).

Os alunos do projeto são alunos aqui na instituição, né? A gente abre a inscrição para todos. E aí todos participam da escolinha. Aí ao longo, né, do decorrer do ano, a gente escolhe quem vai representar ali a nossa escola. Nos jogos. [...] Mas todos que se inscrevem têm acesso a participar do projeto. (S8).

Diante das declarações dos professores, percebe-se uma preponderância de beneficiar uma pequena parcela dos alunos que se mostram mais aptos, denotando uma supremacia do resultado competitivo sendo colocado à frente da vivência e formação esportiva. Ou seja, a prática de futsal no contraturno nas escolas públicas investigadas apresenta como principal foco, o resultado competitivo e não a inclusão e formação dos alunos, com exceção de S8 e, em parte, de S2.

Conforme apontam Ricci, Oliveira e Marques (2022), ao se reservar os espaços de práticas para apenas esses alunos mais aptos, exclui-se oportunidades de aprendizado e vivência de outros que gostariam de participar do projeto pelo simples fato de não apresentarem, naquele momento, competência para as metas competitivas vislumbradas pelos treinadores. Dessa forma, esse cenário acaba coadunando com os problemas pedagógicos tradicionais do ensino do esporte, tais como seleção apenas dos mais aptos e exclusão dos demais, especialização precoce, priorização de princípios mecanicistas de ensino, pouca autonomia e liberdade aos jogadores para tomarem suas próprias decisões dentro e fora do jogo; entre outros, fazendo com que o esporte deixe de ser um ambiente formativo, como advertem Kröger e Roth (2002), Ennis (1999), Graça (2004), Fonseca e Garganta (2006), Santana (2008), Paes e Balbino (2009), Paes, Montagner e Ferreira (2009), Santana, Ribeiro e França (2016), Roth, Memmert e Schubert (2016), Roth, Kröger e Memmert (2017) e Santana (2019).

Por outro lado, os treinadores justificam a seleção de apenas alguns jogadores também por fatores que extrapolam os resultados competitivos e reforçam os problemas estruturais dos projetos, como se vê em S2, S7 e S8

Então, se eu abrir para muita gente, eu não vou conseguir, porque a quadra não é tão grande. E também a questão dos materiais, né? [...] a nossa defasagem de material mesmo sendo na escola é ruim. Né? (S2)

Cara, falta de material, é, é a parte que mais é, me acerta em cheio, digamos assim. Também a questão da quadra. Nós temos aqui duas quadras, as duas quadras tem goteiras, uma quadra dividida com outra escola. (S7)

Que às vezes tá muito cheio, aí a questão do material dificulta bastante. Ah sim, aí trabalhar com pouco material. Aí não tem como trabalhar com pouco material e muita gente. (S8)

Esses comentários retratam um quadro de defasagem da educação física em geral em escolas públicas de Manaus-AM, o que não parece ser diferente do restante do país.

No cenário dos projetos de contraturno das escolas particulares, nenhum treinador manifestou dificuldades encontradas em questões materiais ou estruturais. Todavia, a seleção de alunos para participar dos projetos tendo em conta a preparação para competições se repete, conforme relatado por S4, S5 e S6.

[...] sim, nós fazemos uma seletiva, né? Num determinado período, onde lá nós escolhemos os atletas que se destacam mesmo para participar das competições do Jepam. [...] é pro Jepam, né? Não precisa ser aluno do dos cursos livres, né? Do projeto. Entendeu? É aberto para toda escola, tanto para os meninos que fazem, para as crianças que fazem o curso livre daquela modalidade, quanto para os alunos que não faz, né? (S4). [Jepam- Jogos da escolas particulares do Amazonas]

E aí, a gente fez uma programação de 4 horas, onde todos os atletas tiveram mais de uma participação dentro de quadra, para poder dar uma desenvolvida, ter tempo hábil, para eles mostrarem os talentos deles. [...] a gente selecionou 20 nomes. Esses 20 nomes vieram treinando durante a semana e na última semana a gente cortou mais oito atletas, inscrevendo somente 12 para a competição (S5).

[...] Aí depende, porque por exemplo, a gente tá fazendo seletiva ainda. A gente tem o time base, né? Os jogadores que vão de certeza [para competição]. (S6).

A partir dessa ótica, entende-se que existem perfis organizacionais semelhantes nas escolas particulares e públicas referente aos alunos que frequentam os projetos de contraturno. Por um lado, S1 e S5 não cobram mensalidade dos alunos que participam das competições, mas as aulas das equipes não são abertas para todos, visto que os professores realizam seletivas para captar alunos que irão participar das aulas e conseqüentemente as competições. Por outro lado, S4 e S6 fazem a cobrança das mensalidades para ofertar as aulas de futsal no contraturno, e ainda selecionam os que participam dos campeonatos.

Ainda por conta da grande demanda de alunos que desejam participar das aulas de futsal no contraturno, optam por selecionar apenas os que podem trazer resultados esportivos. A fala do S5 particularmente demonstra que o objetivo da escola de querer resultados esportivos é preponderante, o esporte sendo representado nesse contexto está sendo utilizado apenas para alcançar resultados esportivos, contudo ele é tratado de forma demagógica, ou seja, não sendo

democrático para os alunos que desejam participar do projeto apenas para aprender o futsal. (Santana, 2008b).

3.3. Perfil pedagógico dos projetos

O perfil pedagógico discute dados como os conteúdos ensinados pelos treinadores, as metodologias e atividades de ensino, as formas como o processo é dividido ao longo dos anos, entre outros fatores. O Quadro 4 apresenta os conteúdos majoritariamente trabalhados pelos treinadores, tanto de ordem esportiva propriamente dita, quanto de ordem socioeducativa e histórico-cultural, tendo em vista o que sugerem Santana (2008), Paes, Montagner e Ferreira (2009) e Galatti *et al.* (2017)

Quadro 4 - Conteúdos mais trabalhados pelos treinadores.

Treinadores	Conteúdos mais trabalhados	Conteúdos além do esporte
S1	Fundamentos técnicos	Formação cidadã
S2	Fundamentos técnicos	Formação cidadã
S3	Fundamentos técnicos	Psicológico dos alunos
S4	Fundamentos técnicos	Psicológico dos alunos
S5	Fundamentos técnicos	nenhum conteúdo
S6	Situações de jogo	Habilidades sociais
S7	Capacidade tática	Formação cidadã
S8	Situações de jogo	Formação cidadã

Fonte: os autores (2025)

Em relação aos conteúdos de caráter propriamente esportivo, 5 professores priorizam os fundamentos técnicos como conteúdo, 2 com situações de jogo e 1 com capacidade tática. Verifica-se então que, os professores em sua maioria, pautam seus conteúdos em fundamentos técnicos, que são atividades pautadas na repetição de técnicas padronizadas, sem a presença de defesa, sem imprevisibilidades. (Canan, 2020). Porém, tiveram 3 professores que apontaram conteúdos de ensino relacionados ao desenvolvimento da capacidade de jogo que significa um avanço no ensino exclusivamente baseado em fundamentos técnicos.

Já no que diz respeito ao conteúdo para além dos esportivos, ou seja, os conteúdos de caráter socioeducativo e/ou histórico-cultural, verifica-se que, mesmo que de maneira aparentemente pouco sistematizada, existe uma preocupação dos treinadores, conforme exemplificado por S8 e S2.

[...] caráter socioeducativo, formação cidadã, que é mais contato com eles mais da disciplina com eles que eu pego um pouquinho no pé. A gente cobra, né, de quem participa desse projeto a questão da assiduidade nas aulas, a frequência escolar (S8).

Então eu sempre tento enfatizar essas questões sociais, né, do nosso dia a dia e escolar também. E assim, para que eles entendam que atleta tem que ser disciplinado (S2).

Os conteúdos socioeducativos têm um destaque para a formação cidadã, segundo a maioria dos treinadores. Nesse sentido, argumentam que a formação cidadão busca contribuir para a formação integral dos alunos por meio da disciplina e rodas de conversa para discutir planos para o futuro dos alunos. Conforme Freire (2011) sinaliza que os conteúdos socioeducacionais, se tratam dos princípios balizadores da pedagogia do esporte, com ênfase no princípio “ensinar mais do que esporte” retratando valores éticos, morais e sociais. A importância de tratar de assuntos que colaboram com os valores sociais nos projetos de contraturno, colabora com a aproximação dos alunos e os professores e conseqüentemente com a escola. Porém, fica claro que conteúdo dessa natureza não são elencados pelos treinadores enquanto objeto do processo de ensino, diferentemente do que sugerem Galatti *et al.* (2017).

A verificação dos tipos de atividades prevalentemente utilizadas pelos treinadores, apresentadas no quadro 5, pode contribuir para a compreensão dos conteúdos e das formas em geral como os treinadores concebem o ensino do futsal em seus projetos.

Quadro 5: Tipos de atividades mais utilizadas pelos treinadores.

Treinadores	Atividades mais utilizadas pelos treinadores
S1	Exercícios técnicos
S2	Exercício situacional e Exercícios técnicos
S3	Exercícios técnicos
S4	Exercícios técnicos
S5	Exercícios técnicos

Treinadores	Atividades mais utilizadas pelos treinadores
S6	Exercícios situacionais
S7	Exercícios situacionais, jogo pré-desportivos
S8	Exercícios situacionais

Fonte: os autores (2025)

Percebe-se pelo quadro que prevalecem os exercícios técnicos, o que condiz com os conteúdos de caráter técnico (fundamentos técnicos) e contradiz os conteúdos de caráter tático/situacional. Os treinadores S5, S1 e S3 justificam as escolhas.

Porque o atleta ele só consegue melhorar com muita repetição. Quanto mais ele repete, mais ele fica próximo da perfeição. (S5).

Quando você começa a fazer fundamento, eles começam já fazer um pouco com bola. (S1)

Quais os tipos de atividades que predominam no treino? Que que o senhor vai mais fazer no treino? É chute a gol. Chute a gol? Chute a gol. (S3)

A fala de S5 exemplifica a metodologia mais utilizada nos projetos, que é a tradicional, pautada em exercícios mecanizados e analíticos como centro do processo de ensino. Como colocam Menezes (2012) e Galatti *et al.* (2014), esse padrão acaba desconsiderando a complexidade do jogo, limitando as potencialidades dos jogadores em lidar com as imprevisibilidades próprias da lógica interna do futsal. Esse perfil, inclusive, se assemelha ao encontrado por Fontes, Reverdito, Leonardo e Canan (2025), com predomínio de metodologias de caráter tradicional no ensino do handebol em projetos de contraturno em Manaus-AM.

Entretanto, ainda assim, alguns treinadores destacam o ensino a partir do jogo, muito embora adotem como um dos argumentos, a precariedade e estrutura e material e não efetivamente uma preferência metodológica. Ou seja, como há poucas bolas, pouco espaço de quadra e/ou muitos jogadores, a exercitação técnica acaba comprometida e até inviável, restando como alternativa, atividades em formato de jogo.

Em relação aos desafios encontrados pelos treinadores para consecução dos projetos, as respostas foram semelhantes entre todos, de escolas públicas e particulares.

Aqui na escola, na educação física, a quadra é diminuída para todo mundo participar. [...] Então, ele já tem esse vício no espaço reduzido. Porque acaba se tornando vício no jogo. Aí quando chega numa quadra oficial. Quando chega numa quadra grande, eles se perdem. (S2)

Eh é, os vícios. Muitos meninos aqui eles jogam muito é futebol de campo. Futebol de sete. Então eles têm, muitas vezes deles, a maneira de dominar a bola é aquela, a maneira de que eles dominam o futebol de campo. (S3)

O maior desafio é fazer o garoto ter pé no chão. É, a mídia prega futebol mais alegre, mais artístico, né? Mas não mostra a importância da parte coletiva. [...] Aí, então, assim, eu tento pegar para eles uma consciência coletiva, de você entender suas condições, o seu futebol, as suas valências de ponto forte, ponto negativo e trabalhar em prol do que tu tem que como material humano, como um todo. (S5)

Percebe-se pelas falas, que os problemas mais enfatizados pelos treinadores são de ordem de competência esportiva, seja para aprender, seja para jogar, seja para apresentar resultados em competições. Esses problemas acabaram sendo sobrepostos àqueles de ordem estrutural, como carência de materiais ou dificuldades de espaço físico, por exemplo, dando a entender que a precariedade já é uma realidade aceita pelos treinadores. Ou seja, os 3 treinadores em pauta parecem já adaptados a até conformados às precariedades estruturais, investindo sua energia em aspectos que vão além delas, como as questões técnico-táticas, por exemplo.

A questão do desenvolvimento da consciência coletiva de jogo, contudo mostra-se contraditória, tendo em vista que os treinadores priorizam metodologias de caráter tecnicista, ou seja, que enfatizam a repetição de gestos motores em detrimento das competências interpretativas, decisórias e interacionistas/coletivas. Conforme Greco (1998), o ensino voltado exclusivamente para exercícios técnicos, desvinculados do contexto do jogo, compromete a aprendizagem tática e a capacidade de tomada de decisão dos jogadores, gerando desmotivação, dificuldade na compreensão do jogo, criatividade e aplicação prática dos conteúdos.

Ao mesmo tempo, o relato sobre a competência de os alunos ser mencionada como um dos maiores desafios se mostra também contraditória, pois uma das funções dos projetos de contraturno, senão a principal, é justamente contribuir para o aprendizado do esporte praticado, no caso em pauta, o futsal. As dificuldades apontadas pelos treinadores talvez estejam mais voltadas a um possível baixo rendimento competitivo, o que reforça o cenário de a competição estar sendo colocada acima da própria formação. Em outras palavras, a impressão que se tem é que os treinadores em tela já querem atletas formados para vencer as competições, não

praticantes em formação, que estão inseridos no projeto justamente para aprender a jogar melhor, seja para seu lazer e saúde, seja para perspectivar uma carreira profissional no futuro.

Os treinadores S7 e S8, por sua vez, relatam os problemas estruturais e materiais como seus maiores desafios para efetivação dos projetos de contraturno, conforme pode se perceber em suas falas.

Por exemplo, levar os meninos, o transporte, uma merenda em si, porque por exemplo, às vezes eles vão para os jogos, é, para o distrital sem alimento, sem o cara ter tomado café. Aí, pô, o professor vai lá e paga uma merenda para eles, entendeu? Então assim, sai do meu bolso. [...] Por exemplo, até para treinamento ser difícil, porque por exemplo, eu vou ter uma bola para jogar, entendeu? Aí eu consigo fazer o quê com uma só bola? (S7)

[...] Aí tem toda essa dificuldade [material], é mais uma questão estrutural e de material. [...] com eles em si, da prática, da execução, não temos tanta dificuldade, é mais a questão de material e de espaço, né? Porque a gente utiliza uma quadra compartilhada. (S8)

Diferentemente dos 3 treinadores anteriormente mencionados, que relatam as questões técnico-táticas como maiores desafios, S7 e S8, que representam projetos em escolas públicas, retratam dificuldades materiais e estruturais. De acordo com a UNESCO (2015), a qualidade da educação está diretamente relacionada ao ambiente de aprendizagem, o qual deve oferecer condições físicas e sociais seguras, saudáveis e acolhedoras, tanto para o processo de ensino dos docentes quanto para a aprendizagem dos alunos. Quando as infraestruturas físicas não são favoráveis para o ensino, dificultam a aprendizagem e, no caso específico, a própria realização do projeto de contraturno e conseqüentemente a aprendizagem do futsal.

Reverdito *et al.* (2024) apontam que a instabilidade quanto à competência dos órgãos responsáveis estaduais e municipais, para a oferta de recursos estruturais e financeiros, como a remuneração e organização da carga horária dos profissionais de educação física e treinadores esportivos, é uma situação que torna incerta a continuidade dos projetos. As dificuldades dos projetos de contraturno na realidade investigada apresentam características correspondentes às encontradas por Luguetti (2011) na cidade de Santos-SP, o que indica que não compõem uma realidade exclusiva de Manaus-AM.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou, em termos de perfil profissional, que os treinadores são, em sua maioria, homens e, em média, apresentam faixa etária de meia idade, experiência consolidada junto ao futsal, formação em Educação Física e precariedades na formação continuada.

Em relação ao perfil organizacional dos projetos, identificou-se que, em sua maioria, a organização e o aporte financeiro são institucionais, da própria escola ou Secretaria de Educação e os motivos para realização são primeiramente e voltados à representação escolar em competições e resultado competitivo acima da própria inclusão e formação e secundariamente afetivos, ou seja, em decorrência do treinador e/ou gostarem de futsal.

No que diz respeito ao perfil pedagógico dos projetos, prevalece o caráter tradicional, com conteúdo e atividades voltados ao ensino dos fundamentos técnicos, sendo as questões de interpretação, decisão e criatividade em relação à dinâmica do jogo menos incidentes. Conteúdos de ordem socioeducativa são também citados, especialmente em relação à formação cidadão, mas sem que haja uma organização planejada para serem trabalhados, normalmente dissolvendo-se em meio às atividades cotidianas em situações como disciplina e conversas.

Os maiores desafios são tanto de ordem estrutural e material com carência de espaço físico e material esportivo, quanto de ordem técnico-tática, com competência esportiva dos jogadores inferior à prospectada pelos treinadores. A pesquisa, dessa forma, ilustra um quadro ainda precário em relação aos projetos de contraturno de futsal em escolas de Manaus-AM investigados, que, em geral, carecem de aprimoramento em termos estruturais, pedagógicos e conceituais (no que diz respeito às suas finalidades).

Abrangência de mais sujeitos e/ou outras modalidades esportivas e uso de outros instrumentos de coleta de dados, como observação de treinamentos ou entrevistas ou questionários junto aos alunos participantes dos projetos são exemplos de pesquisas que poderiam agregar ao tema.

5. REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Jogos Escolares do Amazonas – JEAs 2023**. Disponível em:

<https://www.jeas.com.br/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

BALYI, Istvan. O desenvolvimento do praticante a longo prazo – sistema e soluções. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 23, p. 22–27, 2003.

BALZANO, Otávio Nogueira. **Futsal: treinamento com jogos táticos por compreensão**. Jundiaí: Fontoura, 2014.

BALZANO, Otávio Nogueira. **Metodologias dos jogos condicionados para o futsal e educação física escolar**. Jundiaí: Fontoura, 2012.

BARBIERI, Fabio Augusto. **Futsal: conhecimentos teórico-práticos para o ensino e o treinamento**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

BARROS, Luis Fernando Nogueira Paes de; CORTEZ, José Alberto Aguilar. Modalidades esportivas coletivas: o futsal. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 138–146.

BASEI, Andréia Paula; BENDRATH, Eduard Angelo; MENEGALDO, Pedro Henrique Iglesias. Atividades complementares curriculares em contraturno escolar no estado do Paraná: um estudo do macrocampo esporte e lazer. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 136–156, jul. 2017.

BENDRATH, Eduard Angelo; BASEI, Andréia Paula. O esporte como atividade complementar curricular: uma análise a partir da teoria do capital social. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 48, p. 219–237, 2019.

BENDRATH, Eduard Angelo; BASEI, Andréia Paula. Projetos de esporte e lazer nas escolas estaduais do Paraná e os parâmetros internacionais de qualidade. **Esporte e Sociedade**, v. 15, n. 35, p. 1–20, jun. 2022.

BENDRATH, Eduard Angelo; FERREIRA, Tamires Fernanda; BASEI, Andréia Paula. A gestão do esporte em projetos escolares: implementação, monitoramento e avaliação. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 10, p. 1–15, 2020.

BÖHME, Maria Tereza Silveira; RÉ, Alessandro Nicolai. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 171–184.

CANAN, Felipe. **Teoria e fundamentos do basquetebol e handebol**. Curitiba: Fael, 2020.

DEVÍS DEVÍS, José; PEIRÓ VELERT, Carme. Enseñanza de los deportes de equipo: la comprensión en la iniciación de los juegos deportivos. In: BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, Domingo (org.). **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 5. ed. Barcelona: INDE, 2010. p. 333–350.

ENNIS, Catherine. Creating a culturally relevant curriculum for disengaged girls. **Education and Society**, v. 4, n. 1, p. 31–39, 1999.

FARIAS, Gelcemar Oliveira; SHIGUNOV, Viktor; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Formação e desenvolvimento profissional dos professores de Educação Física. **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física**. Londrina: O Autor, p. 19-53, 2001.

FARIAS, Gelcemar Oliveira et al. Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 441-454, 2018.

FLORES, Patric Paludett et al. O percurso profissional de professores de Educação Física Escolar de Santa Maria, RS. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, a**, v. 15, p. 1-28, 2010.

FONSECA, Hélder; GARGANTA, Júlio. Futebol de rua: um beco com saída: do jogo espontâneo à prática deliberada. **Lisboa: visão e contextos**, 2006.

FONTES, Angélica Maria Pinto. **O ensino do handebol feminino em projetos de contraturno de escolas de Manaus a partir da perspectiva dos professores**. 2024. 37 f. TCC (Licenciatura em Educação Física) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

FONTES, Angélica Maria Pinto et al. Perspectiva de treinadores sobre o ensino do handebol feminino em projetos de contraturno das escolas de Manaus/AM. **Pensar a Prática**, v. 28, 2025.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do esporte e educação física escolar: uma proposta considerando modalidades esportivas coletivas. In: GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (org.). **Múltiplos cenários da prática esportiva**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. p. 151–171.

GALATTI, L. R.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R.; SEOANE, A. M. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153–162, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

GRAÇA, Amândio. **O desporto na escola: enquadramento da prática**. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (org.). Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 97–112.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino (org.). **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRECO, Pablo Juan; PÉREZ MORALES, Juan Pablo; COSTA, Gustavo De Conti Teixeira. Manual das práticas dos esportes no Programa Segundo Tempo. 2013.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara A. A metodologia de ensino dos esportes no marco do programa segundo tempo. **OLIVEIRA, AAD; PERIM, GL Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo. Brasília: Ministério dos Esportes, 2008.**

HIRAMA, Leopoldo Katsuki et al. A ação pedagógica da competição esportiva. **Movimento e Percepção**, v. 10, n. 15, p. 109-121, 2009.

HUBERMAN, Michael et al. O ciclo de vida profissional dos professores. **Vidas de professores**, v. 2, p. 31-61, 1992.

KNIJNIK, Jorge et al. Physical education and after-school sport programs: Brazilian experiences and tendencies for the 21th century. **Physical education and after-school sport programs**, p. 173-186, 2013.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. **São Paulo: Phorte Editora**, v.1, n.1, p. 10-28, 2002.

LETTNIN, Carla da Conceição et al. Esporte escolar: razão e significados. 2005.

LIMA, Leilane et al. Esporte no contexto escolar: percepção de apoio e a experiência esportiva positiva de jovens atletas. **Retos**, v. 67, p. 522-534, 2025.

LUGUETTI, Carla Nascimento; BÖHME, M. T. S. A iniciação esportiva na escola por meio das práticas esportivas escolares. **Esporte infantojuvenil treinamento a longo prazo e talento esportivo**, 2011.

LUGUETTI, Carla Nascimento; BÖHME, Maria Tereza Silveira. **Práticas esportivas escolares: o esporte no contraturno das escolas e suas possibilidades**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011b.

MENEZES, Rafael Pombo. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, p. 34-41, 2012.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. **DE ROSE, D. et al. Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed**, p. 73-83, 2009.

PAES, Roberto Rodrigues; MONTAGNER, Paulo Cesar; FERREIRA, Henrique Barcelos. Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol. 2009.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. Phorte Editora, 2020.

REVERDITO, Riller Silva et al. Treinadores e Treinadoras no Contexto Escolar: entre o reconhecimento do esporte, voluntarismo e desvalorização profissional. **E-balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 20, n. 3, p. 297-306, 2024.

SAAD, Michel Angillo; REZER, Ricardo. Futebol e futsal: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas. Chapecó. **Argos**, 2005.

RICCI, Christiano Streb; OLIVEIRA, Flavia Volta Cortes de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O esporte no contexto escolar extracurricular: sentidos e contradições no ensino do futsal. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. e237054, 2022.

ROTH, Klaus; KRÖGER, Christian; MEMMERT, Daniel. **Jogos de rede e raquete**. São Paulo: Phorte, 2017.

ROTH, Klaus; MEMMERT, Daniel; SCHUBERT, Renate. **Jogos de arremesso**. São Paulo: Phorte, 2016.

FUTSAL, Santana WC. apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. 2ª edição. **Campinas. Autores Associados**, 2008.

SANTANA, Wilton Carlos de. Pedagogia do futsal: jogar para aprender. **Londrina: Companhia Esportiva**, 2019.

SANTANA, WC de; RIBEIRO, D. A.; FRANÇA, V. dos S. contextos de exercitação tática para o treinamento do futsal. 70.

SOUZA, Pablo RC. Proposta de avaliação e metodologia para desenvolvimento do conhecimento tático em esportes coletivos: a exemplo do futsal. **I Prêmio INDESP de literatura esportiva**, p. 289-340, 1999.

THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. Rethinking games teaching. Loughborough. **UK: Loughborough University of Technology**, 1986.

VOSE, Rogerio da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. Editora da ULBRA, 2001.